

AS CONSTRUÇÕES COM O VERBO LEVE *DAR E* NOMINALIZAÇÕES EM *-ADA* NO PORTUGUÊS DO BRASIL *

Ana Paula SCHER

INTRODUÇÃO

É possível identificar diversos tipos de predicados complexos nas línguas naturais, em geral descritos como a combinação de um verbo, nome ou adjetivo, com a função de predicador principal, a um verbo leve, que exibe morfologia de tempo e concordância.

O termo verbo leve, *light verb* no inglês, foi cunhado por Jespersen (1949). Sua intenção era remeter a uma tendência geral do inglês moderno de fazer uso de um verbo tematicamente vazio, ao qual se associam marcas de pessoa e tempo, antes da idéia “realmente importante” da sentença, ou seja, da “ação”¹, que vem expressa pelo nome seguinte.

A verdade é que essa tendência não é uma particularidade do inglês moderno, mas ocorre em muitas das línguas naturais. Alguns exemplos aparecem nos trabalhos de Campbell (1989), que descreve o fenômeno minuciosamente para o inglês, de Grimshaw & Mester (1988), Miyagawa (1989) ou Dubinsky (1997), por exemplo, que fazem o mesmo para o japonês e, também, do trabalho de Cho (1997) que analisa as construções com verbos leves, daqui para frente, CVLs, usando dados do coreano. A pesquisa sobre as CVLs em línguas diferentes do inglês conta, ainda, com trabalhos como os de Den Dicken & Sybesma (1998) sobre verbos seriais em fongbé e mandarim², de Diesing (1998, 2000) e de Karimi-Doostan (1997), que discutem as CVLs em ídiche e em persa e curdo, respectivamente. Os trabalhos de Miriam Butt e colaboradores

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 13 de fevereiro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Jairo Morais Nunes.

¹ As aspas são minhas e destacam o fato de que as construções com verbos leves se formam com verbos que não são de ação. Chamarei de *eventualidade* (cf: nota 7, adiante) o que Jespersen (1949.) chamou de *ação*.

² Embora fique claro em Butt (2002) e em trabalhos anteriores da mesma autora e colaboradores que as construções com verbos seriais e as CVLs não exibem exatamente os mesmos tipos de relações, alguns autores, como Campbell (1989), por exemplo, sugerem que as CVLs podem ser tratadas como construções com verbos seriais.

(Butt (1995, 1998, 2002), Butt & Lahiri (1998), Butt & Geuder (2001) e Butt & Ramchand (2001a,b)) enriquecem a discussão sobre as CVLs apresentando os resultados de um amplo estudo sobre os verbos leves em hindi/urdu, duas das dezesseis línguas oficiais da Índia. No que concerne às línguas românicas, Rosen (1990) assume Grimshaw & Mester (1988) e sugere que os verbos de reestruturação, em línguas como o italiano e o espanhol, sejam analisados como verbos leves, já que devem tomar seus argumentos emprestados de uma outra estrutura argumental, para que o mapeamento sintático se realize. Samek-Lodovici (a sair) também trabalha com dados de CVLs do italiano, mas prioriza sentenças em que o verbo *dare* (dar) ocorre como verbo leve³. Finalmente, neste trabalho, eu pretendo descrever e analisar as CVLs com *dar* do português do Brasil (PB), em particular, as do tipo que aparece de (1) a (3), em que o verbo leve *dar* ocorre associado a uma nominalização em *-ada*⁴.

- (1) O agente sanitário deu uma vasculhada no local.
- (2) O ladrão deu uma sondada no lugar antes de entrar.
- (3) Acabei dando uma martelada no meu dedo.

A investigação sobre sentenças dessa natureza requer que se busquem respostas para as seguintes questões: a) Quais são as generalizações descritivas de uma CVL com *dar* no PB? b) Onde se forma a CVL? Como se dá a combinação dos elementos que a compõem? Como se formam os elementos integrantes da CVL, em especial a nominalização? c) O verbo leve *dar* é realmente vazio semanticamente? Se isso for verdade, que diferença existe entre o verbo leve *dar* e os verbos auxiliares? Se não, como este verbo se diferencia de *dar* pleno? d) O verbo leve *dar* pode selecionar seus próprios argumentos? É um predicado? Que tipo de elemento pode se associar a este verbo leve e que tipo de papel estes elementos desempenham na CVL? Qual é o estatuto da nominalização em *-ada*? e) Que tipo de contribuição a pesquisa sobre as CVLs do PB poderá trazer para a pesquisa lingüística, mais especificamente, para a pesquisa sobre a estrutura de eventos e sobre a arquitetura da gramática, em geral?

Para responder as perguntas acima, recorrerei a variados pressupostos teóricos presentes em modelos de análise lingüística que tratam da relação entre léxico, sintaxe e semântica. Particularmente, assumirei o modelo de gramática proposto por Halle & Marantz (1993), a classificação das categorias aspectuais baseada em traços temporais, proposta em Smith (1991), e a idéia de eventualidades podem ser decompostas em subeventos menores, presente em Tenny (1994), Hale & Keyser (1993), Ramchand

³ CVLs com o verbo *fare* (fazer) também ocorrem com bastante frequência no Italiano.

⁴ Embora a expressão *nominalizações em -ada* já tenha ficado registrada na literatura sobre este tipo de nominalizações (Basílio, 1999 e Basílio *et al.*, 1994, Scher, 2002), é possível que uma melhor caracterização desse sufixo seja *-da*, já que sua realização pode ser *-ada* ou *-ida* dependendo da vogal temática que se aplica à raiz que deriva a nominalização.

(2003), entre outros. O trabalho se organiza da seguinte maneira: Na seção I apresento uma descrição geral da forma e da interpretação das CVLs. Em seguida, na seção II, discuto as relações de predicação que se estabelecem dentro de uma CVL, procurando determinar o estatuto do verbo leve e da nominalização em *-ada* nesse contexto. A seção III apresenta a configuração que proponho para a estrutura interna da nominalização presente nas CVLs com *dar*. Proporei, seguindo Alexiadou (2001), uma representação para estas nominalizações do PB, baseada no modelo da Morfologia Distribuída, proposto em Hale & Marantz (1993). Na seção IV explicito a configuração proposta para a estrutura geral das CVLs com *dar*. Em particular, descrevo a estrutura de eventos que se obtém da decomposição das CVLs em camadas que representam subeventos. Finalmente, concluo este trabalho, procurando explicitar as contribuições que ele poderá trazer para a pesquisa lingüística, no que diz respeito às propriedades de uma construção que se realiza bastante comumente em PB e em outras línguas também.

1. AS PROPRIEDADES GERAIS DA CVLS COM *DAR*

As descrições presentes em trabalhos anteriores sobre CVLs e os dados do PB que vou apresentar e discutir aqui revelam uma propriedade formal das CVLs, já mencionada, que se verifica em todas as línguas estudadas: nessas construções, há sempre uma associação entre um verbo leve e um elemento de natureza verbal ou nominal⁵. Na maior parte dos casos em que o elemento associado ao verbo leve é de natureza nominal, tal elemento é uma forma derivada do verbo que denota a eventualidade em destaque na sentença⁶.

Alguns trabalhos atribuem ao elemento associado ao verbo leve nessas construções a responsabilidade pelas informações de natureza interpretativa do conjunto formado. Campbell (1989), por exemplo, argumenta em favor da existência de uma classe fechada de verbos, os verbos leves, que podem impor restrições de seleção categorial a seus argumentos, mas não são capazes de atribuir-lhes propriedades temáticas. Por este motivo, o complemento de um verbo leve deve ser um predicado que, por sua vez, é capaz de marcar tematicamente os outros argumentos da CVL. Butt (1995) e Samek-Lodovici (a sair) defendem hipóteses semelhantes, em que o verbo leve se caracteriza

⁵ De modo geral, nas CVLs do iídiche (Diesing 1998, 2000) e do urdu (Butt 1995, 1998, 2002, Butt & Lahiri 1998, Butt & Geuder 2001 e Butt & Ramchand 2001a,b), é um elemento verbal que se associa ao verbo leve. Essas duas línguas, no entanto, também exibem formações complexas em que o elemento associado ao verbo leve apresenta algumas propriedades nominais. A descrição que apresentarei neste trabalho revela características semelhantes do PB, em relação ao iídiche e ao urdu, no que concerne ao tipo do elemento que se associa ao verbo leve: também em PB, será possível identificar tanto propriedades verbais, quanto nominais nesse elemento associado.

⁶ Parsons (1994:20), seguindo Bach (1986:6), usa o termo *eventualidade* para designar a referência das três categorias principais de sentenças, nomeadamente, estados, atividades e eventos.

por apresentar uma estrutura argumental incompleta. Grimshaw & Mester (1988), por sua vez, defendem uma estrutura argumental totalmente vazia para os verbos leves e propõem um processo de transferência argumental que se realiza do predicado nominal para o verbo leve em uma CVL.

Outros trabalhos sobre as CVLs nas línguas naturais, porém, vêm mostrando que o verbo leve faz bem mais do que apenas contribuir com posições sintáticas para os argumentos temáticos de outros predicados, ou com marcas de tempo e concordância. Diesing (1998, 2000), por exemplo, ressalta o caráter geral de diminutivização⁷ ou minimização presente nas CVLs do ídiche e atribui essa propriedade a traços aspectuais presentes na categoria sintática em que o verbo leve se realiza. A autora formula as seguintes generalizações para descrever a interpretação das dessas sentenças no ídiche:

- a) predicados atélicos tornam-se télicos e breves ou *diminutivizados*;
- b) se o predicado atélico for serial, a *diminutivização* resultará na interpretação semelfactiva, ou seja, de ação de um tempo só;
- c) se o predicado atélico for não-serial, a duração do evento é truncada, *diminutivizada* e a interpretação resultante será a de *um pouquinho*;
- d) se o predicado for télico, o efeito *diminutivizador* pode ter uma interpretação de aumento da velocidade da ação.

Essa mesma propriedade se verifica, de certa forma, entre as CVLs do PB, quando comparadas às suas contrapartes “plenas”. Também no PB, as CVLs apresentam um efeito geral de diminutivização, admitindo, na maior parte dos casos, uma leitura modalizada por *um pouco*. O diálogo abaixo ilustra essa propriedade: o falante B ainda não acha que a sopa tenha causado um emagrecimento real na pessoa de quem A e B estão falando. A pessoa emagreceu um pouco.

- (4) A: Mas ela emagreceu mesmo com a tal sopa?
B: Ah! Ela deu uma emagrecida, sim.

Nos exemplos abaixo, é possível obter a interpretação de que a eventualidade denotada pela construção se realiza por menos tempo, como em (5), (6) e (9), ou não se realiza completamente, como em (6), (7) e (8), ou, ainda, de que tal eventualidade se realiza uma única vez, uma outra interpretação possível para (9).

⁷ Esse efeito geral de modificação das propriedades da eventualidade expressa pelo predicado complexo que compõe a CVL, em relação à eventualidade expressa pelo predicado simples correspondente (*dar uma empurrada*, em relação a *empurrar*), é descrito como um tipo de truncamento dessa eventualidade que pode apresentar três efeitos principais: a) telicização e encurtamento da duração de predicados atélicos; b) singularização de ações seriais e, no caso de predicados originalmente télicos, c) desencadeamento da leitura de rapidez ou de curta duração da ação – *little bit* (um pouquinho) – na realização da eventualidade (Diesing 1998:127, 2000:245).

- (5) O João deu uma empurrada no carrinho.
- (6) O José deu uma varrida na sala.
- (7) A flor deu uma murçada.
- (8) A Ana deu uma emagrecida.
- (9) O bebê deu uma tossida.

Em outras palavras, o predicado complexo *dar uma empurrada no carrinho* em (5) sugere um limite final para a eventualidade descrita por essa CVL que não pode ser identificado na eventualidade denotada pelo predicado simples *empurrar o carrinho*. Por sua vez, os predicados simples *varrer a sala*, *murchar* e *emagrecer* já são tólicos, ou seja, já expressam uma eventualidade com ponto final natural. Assim, suas CVLs correspondentes, expressas pelos predicados complexos *dar uma varrida na sala*, *dar uma murçada* e *dar uma emagrecida* em (5), (7) e (8), respectivamente, desencadeiam a leitura *little bit* da ação ou, ainda, a leitura de rapidez na realização da eventualidade denotada. Finalmente, a CVL *dar uma tossida* em (9), cujo predicado simples correspondente, *tossir*, denota uma ação serial, gera a interpretação de singularização dessa ação. O PB se assemelha, assim, ao iídiche no que diz respeito à interpretação que pode ser atribuída às CVLs.

A força do efeito diminutivizador tem reflexos na morfologia das CVLs, sendo possível “salvar” uma CVL mal formada como (11) através da inserção de um morfema de diminutivo associado à nominalização que compõe a CVL, como se vê em (12):

- (10) Verbo: escrever participípio irregular: escrito/a
- (11) ?João deu uma escrevida no papel.
- (12) João deu uma escrevidinha no papel.

No que diz respeito à sua forma geral, as CVLs do PB se apresentam, basicamente, como uma seqüência V XP PP, diferente do inglês, em que se tem V NP NP. As CVLs, no entanto, não são consideradas sentenças bitransitivas. Suas propriedades aspectuais, temáticas e de subcategorização contribuem para que se estabeleça essa diferença. A descrição das eventualidades em termos de traços temporais (Smith, 1991) aponta para essa distinção no que diz respeito à questão aspectual:

- (13) a. estado [estático, durativo, atólico]
- b. atividade [dinâmico, durativo, atólico]
- c. *accomplishment* [dinâmico, durativo, tólico]
- d. *achievement* [dinâmico, instantâneo, tólico]
- e. semelfactivo [dinâmico, instantâneo, atólico]

- (14) João deu um livro à Maria.
- (15) José deu uma conversada com a Maria.

Enquanto (14), uma sentença bitransitivas do PB, denota uma eventualidade do tipo de *achievement*, que é dinâmica, instantânea e télica (não se desenvolve em um período único indiferenciado, não pressupõe duração, e leva a uma mudança de estado), (15), uma CVL, denota uma eventualidade que se define por propriedades diferentes: é dinâmica, durativa e atélica, ou seja, trata-se de um *accomplishment*.

No que diz respeito às propriedades temáticas dos predicados, tem-se que as relações temáticas em (16) são determinadas pelo verbo *dar*, o núcleo do predicado verbal: o NP *João* é uma fonte, o NP *um presente* é um tema e o NP *o Paulo*, um alvo; na marcação temática em (17), a noção de fonte não se aplica a *José*, a noção de alvo não se aplica a *a sala* e nem a noção de tema se aplica a *uma varrida*. O verbo *dar* não estabelece, por si só, a associação entre os papéis temáticos relevantes e os NPs da sentença – a interpretação de (17) depende também da nominalização *varrida*.

(16) João deu um presente para o Paulo.

(17) José deu uma varrida na sala.

Finalmente, as propriedades de subcategorização dos dois tipos de sentenças também apresentam distinções. CVLs não podem ser passivizadas (18), e a nominalização em *-ada* não pode ser transformada no foco de uma pergunta (19):

(18) *Uma organizada foi dada nos papéis.

(19) A: *O que o João deu nos papéis? B: Uma organizada.

Por outro lado, a passivação do objeto direto é lícita nas sentenças bitransitivas (20) e o objeto direto de *dar* nesse tipo de sentença admite ser objeto de pergunta (21):

(20) Um livro foi dado ao João.

(21) A: O que o João deu pro Pedro? B: Um livro.

Os contrastes entre (18) e (20), por um lado, e (19) e (21), por outro, explicitam a diferença existente entre as expressões *uma organizada* e *um livro*, elementos supostamente correspondentes sintaticamente nas duas construções.

A caracterização de CVLs como expressões idiomáticas também não parece ser correta, já que essas construções constroem seu sentido composicionalmente e são bem mais produtivas que as expressões idiomáticas. Apesar de seu alto índice de produtividade, as CVLs estão sujeitas a algumas restrições. Assim, os exemplos abaixo não constituem sentenças bem formadas do PB:

(22) *A Ana deu uma perdida no livro.

(23) *O Bruno deu uma acreditada no que eu disse.

Os traços temporais propostos por Smith (1991) foram usados na tentativa de se estabelecer um padrão para a possibilidade de formação de CVLs e os resultados mostram que eventualidades que apresentam os traços de estaticidade e telicidade intrínseca não admitem a formação dessas construções. A atuação da modalização *um pouco* sobre os traços dinamicidade (sentenças de (24) a (27)), duratividade (sentenças (24) e (26)), telicidade (não intrínseca) (sentenças (26) e (27)) e atelicidade (sentenças (24) e (25)) gera as interpretações que constituem o efeito geral de diminutivização presente nas CVLs.

- (24) Vou dar uma andada de bicicleta.
- (25) O bebê deu uma soluçada e dormiu em seguida
- (26) O João deu uma varrida na sala em dois minutos.
- (27) A Maria deu uma rasgada no jeans.

2. AS RELAÇÕES DE PREDICAÇÃO NAS CVLS COM *DAR*

Para Frege (1978), a noção de predicado é uma noção formal que remete a uma estrutura com lacunas, insaturada, em seus termos, que admite ser preenchida de várias formas diferentes.

Algumas razões nos permitem sugerir que o verbo *leve* é um predicado. Em primeiro lugar, ele não é um auxiliar. Pode-se afirmar isso com base em três fatores: a) a presença de auxiliares não provoca o efeito diminutivizador, b) um auxiliar não tem, sempre, uma forma plena correspondente, como *dar* e *levar* nas sentenças de (28) a (31), e um auxiliar não seleciona um predicado nominal indefinido, como se vê nos exemplos de (32) a (34)

- (28) João deu uma saída.
- (29) João deu um livro ao Pedro.
- (30) João levou um susto.
- (31) João levou a menina ao colégio.

- (32) João **está** comprando um carro.
- (33) João **tem** trabalhado demais.
- (34) João finalmente **poderá** comprar a casa própria.

A contribuição semântica de *dar* na CVL é outro motivo para que esse verbo seja tomado como um predicado. Esse verbo define seu complemento como uma eventualidade de forma específica:

- (35) O João deu uma testada / *um teste no aparelho.

(36) O João deu uma desenhada / *um desenho pra se distrair.

Assim como o verbo *dar*, a nominalização na CVL também é um predicado. Algumas evidências empíricas comprovam que ela não se comporta como argumento em fenômenos como passivização ou pronominalização:

(37) A Joana deu uma empurrada no menino.

(38) A Lúcia deu uma arrumada perfeita no armário.

(39) *Uma empurrada foi dada no menino.

(40) *O que a Joana deu no menino? Uma empurrada.

(41) *Uma arrumada foi dada nos armários.

(42) *O que a Lúcia deu no armário? Uma arrumada perfeita.

Finalmente, é necessário discutir a restrição de definitude que se aplica às nominalizações das CVLs, como mostram os exemplos de (43) a (45):

(43) *A Maria deu a varrida na sala.

(44) *A secretária deu cada conferida nos livros.

(45) *Os motoristas deram toda parada no sinal vermelho.

De acordo com Higginbotham (1989), os indefinidos são modificadores que identificam sua posição vazia com a posição vazia do termo modificado, como apontado esquematicamente nos exemplos de (46) a (48):

(46) John is a lawyer. *John é um advogado.*

(47) a(x) & lawyer(x)

(48) [[brown, <1>][cow, <1>], <1>]
marrom vaca

Kearns (1988/2000:14) aplica essa análise às CVLs do inglês, como (49).

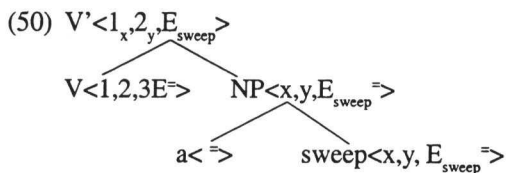
(49) John gave the floor a sweep.

John deu o chão um varrer

‘John deu uma varrida no chão.’

Para a autora, *give* contribui para a CVL com uma estrutura argumental sintática (SAS) da forma <1,2,3,E>, que indica o potencial de um predicado para licenciar argumentos por marcação temática, associado a seu potencial para licenciar um NP por

marcação de Caso. Além disso, Kearns afirma que não há uma estrutura léxico-conceitual (LCS) prevista para o verbo *leve* e que a nominalização na CVL contém apenas uma LCS que descreve a natureza do evento e os papéis semântico-temáticos de seus participantes, sem disponibilizar uma SAS. A expressão *give the floor a sweep* teria, assim, a representação em (50):

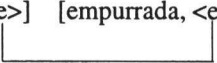


Nessa estrutura, *give* *leve* tem a SAS $\langle 1, 2, 3, E \rangle$ e sua posição sintática 3 será ocupada por *a sweep*, que recebe Caso. Se o indefinido *a* é um modificador e não um quantificador existencial, sua posição aberta se descarrega por identificação com a posição $\langle E \rangle$ de *sweep*, produzindo a leitura esperada de modificação “*sweep(e) & one(e)*”, (Higginbotham, 1989)⁸. O indefinido *a* não satura a posição $\langle E \rangle$ da nominalização, que fica livre para ser descarregada por identificação com a posição $\langle E \rangle$ de *give*. Por sua vez, a posição $\langle E \rangle$ de *a sweep* é identificada fora da nominalização, garantindo o estatuto de predicado do NP.

Os indefinidos das nominalizações em *-ada* das CVLs do PB também se comportam como modificadores.

(51) *uma(e) & empurrada(e)*

(52) $[[\text{uma}, \langle e \rangle] [\text{empurrada}, \langle e \rangle], \langle e \rangle]$



Sem a leitura de quantificadores, podem se associar a nominalizações, mantendo o estatuto de predicado desses elementos nominais, o que justifica a exigência de indefinidade para as nominalizações das CVLs.

3. A ESTRUTURA DAS NOMINALIZAÇÕES EM *-ADA*

Examinando a nominalização em *-ada* que faz parte de uma CVL, em sua capacidade de determinar ou não uma estrutura argumental, nos termos de Grimshaw (1990), atestamos o comportamento ambíguo de muitas das nominalizações em *-ada* no que concerne à propriedade de determinar ou não uma estrutura argumental, mas

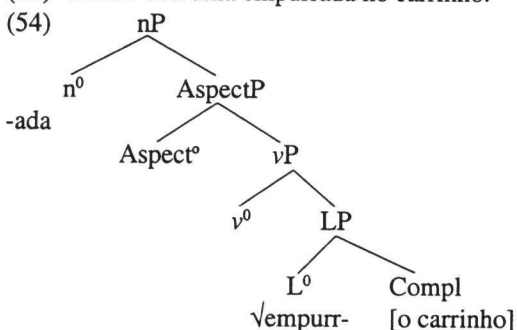
⁸ Kearns (1988/2002:5) também descreve um efeito de diminutivização para as CVLs do inglês. Para ela, é essa leitura de modificação que contribui para a verificação desse efeito de diminutivização.

tomamos como bastante sistemático o seu comportamento como nominalização de processo.

Com base em Alexiadou (2001), analisamos a hipótese de que, mais importante que a possibilidade de determinar ou não uma estrutura argumental, é perceber que as nominalizações são diferentes por causa da estrutura em que estão inseridas. Assim, a diferença entre as leituras de processo ou resultado para as nominalizações em *-ada* do PB resulta da configuração sintática em que essas nominalizações se apresentam: as que admitem leitura de processo apresentam, em sua representação, um conjunto de categorias funcionais associados a sintagmas verbais, que resultam nessa leitura. O mesmo não ocorre com as nominalizações de resultado. As propriedades de evento, ou processo de uma nominalização, então, se devem aos nós funcionais na estrutura dessa nominalização e não a categorias previamente especificadas. As propriedades de uma nominalização se devem, assim, aos nós funcionais na estrutura dessa nominalização e não a categorias previamente especificadas.

Considere, por exemplo, a CVL em (53) e sua representação em (54):

(53) O João deu uma empurrada no carrinho.



v^0 é o lugar em que a leitura de evento é atribuída à nominalização. A categoria AspectP é o lugar em que a interpretação de diminutivização se realiza sintaticamente.

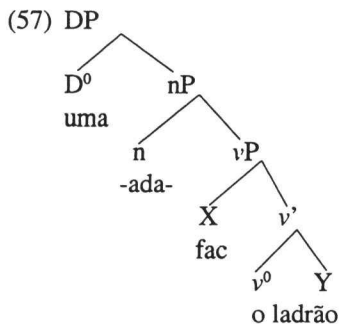
O contraste abaixo sugere, no entanto, que deve haver representações diferentes para algumas nominalizações em *-ada*.

(55) O João deu uma empurrada/empurradinha no carrinho.

(56) O João deu uma facada/*facadinha no ladrão

(55) tem interpretação diminutivizada com ou sem o sufixo *-inha*; (55) não tem essa interpretação. A representação para (55) não conterá a projeção aspectual⁹:

⁹ Estou assumindo que a raiz *fac* é inserida em uma estrutura que represente a expressão *X (faca) atinge Y (o ladrão)*.



Os exemplos de (58) a (61) reforçam essa hipótese, revelando a existência de dois padrões para as CVLs do PB, dependentes da nominalização presente em cada um deles.

- (58) O João deu uma martelada no ladrão: ele nem viu onde pegou.
 (59) *O João deu uma marteladinha no ladrão: ele nem viu onde pegou
 (60) O João deu uma martelada naquele prego que estava machucando todo mundo.
 (61) O João deu uma marteladinha naquele prego que estava machucando todo mundo.

Assim, (58) e (59) seguem o padrão de *facada*, enquanto que (60) e (61) seguem padrão de *empurrada*: uma única raiz se insere em duas estruturas diferentes

5. A ESTRUTURA DAS CVLs COM DAR

Esta seção apresenta a representação sintática que proponho para as CVLs com *dar* no PB. A partir da representação das nominalizações, sugerida na seção anterior, e assumindo, também para as CVLs, a estrutura de eventos subjacente a todas as sentenças das línguas naturais, sugiro que o predicado complexo que compõe estas construções, formado pelo verbo leve *dar* e pelas nominalizações em *-ada*, representa uma estrutura de eventos composta, pelo menos, por um subevento interpretado como DO/CAUSE ou BECOME/HAPPEN (vP) e por um outro subevento interpretado como uma eventualidade dinâmica qualquer (VP).

Nos exemplos que seguem, mostro a relação semântica, em termos de subeventos, que se pode identificar entre três tipos diferentes de CVLs e duas paráfrases possíveis para cada um desses tipos.

- (62) A Maria deu uma empurrada no carrinho.

(63) A Maria empurrou o carrinho.

(64) A Maria fez o evento de *empurrar o carrinho* acontecer.

(62) parafraseia (63) e (64): a parte mais baixa do evento, *empurrar o carrinho*, expressa um resultado em relação à sua parte mais alta, representada por *a Maria fez*.

(65) O fogo deu uma amarelada no papel.

(66) O fogo amarelou o papel.

(67) O fogo fez o evento de *amarelar o papel* acontecer.

(65) parafraseia (66) e (67): a parte mais baixa do evento, *amarelar o papel*, expressa o resultado do evento em sua parte mais alta, representado por *o fogo fez*.

(68) O papel deu uma amarelada.

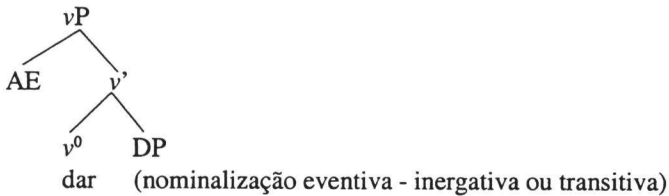
(69) O papel amarelou.

(70) O papel ficou amarelo.

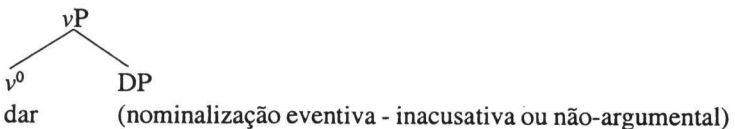
(68) parafraseia (69) e (70): essa sentença representa apenas a parte mais baixa do evento, *amarelar o papel*, ou seja, seu resultado. Não há causador expresso nesse caso.

O verbo *dar* leve em (62) e (65) (parafraseadas em (64) e (67)) ocorre em estruturas de eventos em que fica explícita uma relação de causação. Por outro lado, *dar* leve em (68) (parafraseada em (70)) está presente em uma estrutura de eventos em que apenas o resultado está explícito. O PB dispõe, assim, de dois verbos leves *dar*: um que expressa a relação de causação existente na eventualidade denotada, (71), e outro em que permite que somente o resultado da eventualidade seja identificado, (72).

(71) $dar_1 = \text{CAUSE}$



(72) $dar_2 = \text{BECOME/HAPPEN}$



CONCLUSÃO

Com esse trabalho, procurei descrever e analisar as CVLs com *dar* no PB. A investigação de suas propriedades sintáticas revelou sua especificidade em relação a sentenças bitransitivas ou a expressões idiomáticas. Semanticamente, foi observado que os traços temporais de estaticidade e telicidade intrínseca (Smith, 1991) bloqueiam sua formação, impedindo a ação de um modificador do tipo de *um pouco* sobre a eventualidade denotada pelo predicado. Os dois elementos que compõem a CVL apresentaram características de predicado e as nominalizações em *-ada*, em particular, apresentaram propriedades de nominalizações de processo e de resultado. Essa variação foi atribuída a diferenças observáveis na representação sintática de cada tipo de nominalização e uma estrutura maior, destacando sua propriedade de denotar eventos complexos foi proposta para a CVL.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A. (2001) *Functional Structure in Nominals: nominalization and ergativity*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- BACH, E. (1986) "The algebra of events", *Linguistics and Philosophy* 9:5-16.
- BASÍLIO, M (1999) "Padrões de configuração estrutural de unidades lexicais". In: Para Sempre em Mim - Homenagem a Profa. Ângela Vaz Leão. BH, Editora PUC MINAS.
- BASÍLIO, M., M. C. DIAS & H. F. MARTINS (1994) "Expressões DAR+SN: um estudo de representação lexical. In: Encontro da ASSEL-RIO, 3, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: UFRJ
- BUTT, M. (1995) *The Structure of Complex Predicates*. Stanford: CSLI Publications.
- _____. (1998) "Constraining argument merger though aspect". In E. Hinrichs, A. Kathol & T. Nakazawa (eds.) *Complex Predicates in Nonderivational Syntax, Syntax and Semantics Volume 30*. New York: The Academic Press
- _____. (2002) "The light verb jungle", conferência apresentada no Harvard/Dudley House Graduate Light Verb Workshop. Página na internet: <http://www.people.fas.harvard.edu/~quinn/>.
- BUTT, M. & A. LAHIRI (2002) "Historical stability versus historical change", Manuscrito não publicado em <http://mull.ccl.umist.ac.uk/staff/mutt/>.
- BUTT, M. & W. GEUDER (2001) "On the (semi)lexical status of light verbs". In N. Cover & H. van Riemsdijk (eds.) *Semi-lexical Categories: On the Content of Function Words and the Function of Content Words*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- BUTT, M. & G. RAMCHAND (2001a) "Complex aspectual structure in Hindi/Urdu". In M. Liakata, B. Jensen & D. Maillat (eds.) *Oxford Working Papers in Linguistics, Philology & Phonetics*, 6:1-30.
- _____. (2001b) "Building complex events in Hindi/Urdu". Manuscrito não publicado em <http://mull.ccl.umist.ac.uk/staff/mutt/>.

- CAMPBELL, R. G. (1989) *The Grammatical Structure of Verbal Predicates*, tese de Doutorado. Los Angeles: UCLA.
- CHO, E. (1997) "Light verb construction, TrP, and multiple feature checking theory", In R. C. Blight & M. J. Moosally (eds.) *Texas Linguistic Forum: the syntax and semantics of predication*. Austin: Department of Linguistics, The University of Texas at Austin.
- DEN DIKKEN, M. & R. SYBESMA (1998) "Take serial light up the middle", Manuscrito não publicado, Vrije Universiteit Amsterdam.
- DIESING, M. (1998) "Light verbs and the syntax of aspect in Yiddish", *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 1.2:119-115.
- _____. (2000) "Aspect in Yiddish: the semantics of an inflectional head", *Natural Language Semantics* 8:231-253.
- DUBINSKY, S. (1997) "Syntactic underspecification and light-verb phenomena in Japanese", *Linguistics* 35:627-672.
- FREGE, G. (1978) *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix.
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- GRIMSHAW, J. & A. MESTER (1988) "Light verbs and θ -marking", *Linguistic Inquiry* 19: 205-232.
- HALE, K. & S. J. KEISER (1993) "On argument structure and the lexical expression of syntactic relations". In S. J. Keyser & Kenneth Hale (eds.) *The view from Building 20*, MIT Press, Cambridge. 53-108.
- _____. (2002) *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*, MIT Press, Cambridge.
- HALLE, M. & A. MARANTZ (1993) "Distributed morphology and the pieces of inflection". In S. J. Keyser & Kenneth Hale (eds.) *The View from Building 20*, MIT Press, Cambridge. 111-176.
- HIGGINBOTHAM, J. (1989) "Indefiniteness and predication". In E. J. Reuland & A. G. B. ter Meulen (eds.) *The Representation of (In)definiteness*, MIT Press, Cambridge. 43-70.
- JESPERSEN, O. (1949) *A Modern English Grammar on Historical Principles*. London: George Allen & Unwin, and Copenhagen: Ejnar Munksgaard.
- KARIMI-DOOSTAN, G. (1997). *Light Verb Constructions in Persian*. Ph.D. thesis, University of Essex.
- KEARNS, K. (1988/2002) "Light verbs in English", Manuscrito, Cambridge, MA: MIT. Texto disponível em <http://www.ling.canterbury.ac.nz/ksk.html>
- MİYAGAWA, S. (1989) "Light verbs and the ergative hypothesis", *Linguistic Inquiry* 20:659-668.
- PARSONS, T. (1994) *Events in the Semantics of English: a Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- SAMEK-LODOVICI, V. (a sair) "The internal structure of arguments: evidence from complex predicate formation on Italian". Manuscrito a sair em *Natural Language and Linguistic Theory*.
- SCHER A. P. (2002) "Nominalizações em -ada no português do Brasil e o verbo leve dar. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional da ANPOLL, Gramado, RS.
- SMITH, C. S. (1991) *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2ª edição, 1997.